

Potencialidades de turismo ecológico – Um estudo de caso: Serra do Tepequém - RR

Elinalva Rodrigues Sousa
Maria Ecilene Nunes da Silva Meneses
Curso de Mestrado em Geol. e Geoq. – CG/UFPA
José Augusto Vieira Costa
Prof.Dr. Departamento de Geologia – IGEO/UFRR
e-mail: javcosta@dgeo.ufrr.br

Resumo

Este trabalho procura mostrar de forma sucinta a potencialidade ecoturística da Serra do Tepequém, no município de Amajari no Estado de Roraima. A região possui grande beleza paisagística pouco explorada no que diz respeito ao ecoturismo. O objetivo maior desta pesquisa é evidenciar o potencial ecoturístico como ferramenta para indicar alternativas de conservação ambiental a fim de evitar a degradação dos recursos naturais. Nesse sentido, entende-se que os seres humanos como administradores da natureza devem zelar pela conservação dos recursos naturais e garantir sobrevivência de ecossistemas locais e do próprio homem como agente integrante do meio.

Palavras-Chave: Serra Tepequém, Turismo Ecológico, Roraima.

Abstract

This paper looks for to show briefly the touristic potentiality of the Tepequém mountain, situated in the Amajari District in the State of Roraima. The region possesses beauty landscape little explored in point of tourism. The biggest objective of this research is to evidence the ecotourist potential as tool to indicate alternatives of ambient conservation in order to prevent the degradation of the natural resources. In this direction it understands that the human beings as administrators of the nature must watch over for the conservation of the natural resources and guarantee local ecosystem survival and of the proper man as integrant agent of the way.

Keywords: Tepequém mountain, tourism, Roraima.

Introdução

Em todo o mundo o turismo é uma atividade em expansão, que movimenta imensos volumes de pessoas e de capital todos os anos, representando notável fonte de renda, empregos e divisas para muitos países. Todavia, é ainda uma atividade que predomina entre os países desenvolvidos, existindo grande espaço

para expansão do setor, sobretudo naquelas nações onde a atividade permanece com um grande potencial inexplorado. É e neste último caso no qual se enquadra o Brasil.

O Brasil já encontrou no turismo uma atividade econômica de importância significativa que representa um de nossos principais itens de arrecadação de divisas junto ao mercado internacional. Porém, a atividade ainda ocupa uma pequena parcela de participação no quadro deste segmento na grande maioria dos países.

Em virtude das características nacionais, o Brasil apresenta extraordinárias possibilidades de expansão, principalmente devido à diversidade e multiplicidade de seus recursos naturais. Adicionando-se a isto outras características, como a extensão territorial e de faixa litorânea, o clima tropical, a disponibilidade de mão de obra, as boas condições gerais de infra-estrutura (saneamento, transportes, comunicações, etc.) e o razoável nível de desenvolvimento econômico e industrial, encontramos uma nação com todas as condições favoráveis para o pleno desenvolvimento da atividade. Mediante essas características, o Brasil tem nas modalidades do ecoturismo um segmento totalmente viável para a expansão do turismo nacional. Incluindo-se neste quadro o Estado de Roraima que devido suas características naturais oferece um leque de opções para a prática do ecoturismo.

Ecoturismo

O ecoturismo ou turismo ecológico como também é chamado, visa a utilização do patrimônio natural e cultural de forma sustentável, buscando formar uma consciência ambientalista com o objetivo de conservar o meio ambiente, ou seja, pode-se desfrutar a natureza, mas de forma consciente, sem causar danos (WEARING E NEIL, 2001).

O ecoturismo deve promover e desenvolver turismo com bases cultural e ecologicamente sustentável, além de incentivar investimentos em conservação dos recursos culturais e naturais, utilizados, fazer com que essa conservação beneficie materialmente comunidades envolvidas para que assim haja uma participação conservacionista por parte dessas comunidades, que na sua operação não se dê maiores impactos em detrimento ao meio ambiental e cultural, e, por último educar e motivar pessoas através do envolvimento com atividades que as leve a perceber a importância que têm as áreas conservadas natural e culturalmente.

Segundo Wearing e Neil (op. cit.), o ecoturismo foi originalmente concebido como alternativa à crescente ameaça, tanto à cultura quanto ao meio ambiente, imposta pelo turismo de massa, sendo que a ênfase inicial do ecoturismo recaiu sobre um turismo comedido, que tivesse impacto mínimo sobre os ecossistemas naturais. Nesse contexto, em termos mais simples, o ecoturismo pode ser geralmente descrito como um turismo interpretativo, de mínimo impacto, discreto, em que se busca a conservação, o entendimento e a apreciação do meio ambiente

e das culturas visitadas.

Conforme Wearing e Neil (2001), o termo ecoturismo foi utilizado primeiramente por Hector Ceballos – Lascurain, e ele começou a usar o termo turismo ecológico para designar essa forma de turismo. Então, em 1983, o termo se reduziu para ecoturismo. Hector enfatizava que o ecoturismo podia tornar-se uma ferramenta muito importante para a conservação. Ele identificou o ecoturismo como uma forma de viagem na qual o ambiente natural é o foco principal, e é esse elemento que nos oferece um ponto de partida simples, porém essencial, para entender o fenômeno do ecoturismo como uma forma específica de turismo alternativo. A centralidade do ambiente natural para o ecoturismo abrange duas facetas principais:

- envolve a viagem para ambientes naturais não devastados;
- essa viagem é predominantemente para experimentar o ambiente natural.

As preocupações fundamentais do ecoturismo incluem a degradação ambiental, o impacto sobre as comunidades locais e a necessidade de um gerenciamento turístico de alta qualidade para garantir a sustentabilidade.

Chegando a uma definição sobre o ecoturismo, ele abarca, segundo Wearing e Neil (2001), quatro elementos fundamentais: em primeiro lugar a noção de movimento ou viagem de um lugar para outro. Essa viagem deve ser restrita a áreas naturais relativamente tranquilas e protegidas, pois o foco do ecoturismo recai fundamentalmente sobre experiências em áreas naturais. As áreas naturais protegidas ou tranquilas oferecem a "*melhor garantia para se encontrarem aspectos e atrações naturais sustentadas*". (WEARING; NEIL, 2001).

Em segundo lugar, o ecoturismo pode "rejuvenescer" a natureza. A reabilitação de áreas degradadas como resultado de atividade humana, pode ser classificada como ecoturismo, já que nesse caso, há uma contribuição clara ao meio ambiente e um benefício direto para a comunidade local.

Em terceiro lugar, o ecoturismo é indutor da conservação, e visa a levar pequenos grupos de pessoas a áreas naturais ou de proteção, com um mínimo de impacto sobre os ambientes físico, social e cultural.

A quarta idéia a ser considerada em uma definição do ecoturismo é que ele tem um papel educativo. Geralmente, o ecoturista expressa um forte desejo de aprender sobre a natureza em suas viagens. Portanto, pode-se esperar dos operadores de ecoturismo o fornecimento de um nível apropriado de explicação ambiental e cultural, em geral pelo emprego de guias adequadamente qualificados e pelo suprimento de informações ambientais, tanto antes da viagem quanto durante ela.

Dessa forma, o ecoturismo é um veículo para o aumento da compreensão dos valores ambientais, além de uma atividade que surgiu devido à mudança fundamental no modo como a natureza é vista pela sociedade.

O ecoturismo, ou seja, a idéia de que o turismo baseado na natureza

poderia proporcionar benefícios sociais e ambientais, brotou na consciência popular no final da década de 1980, tornando-se praticamente um fenômeno na década de 90. Em diversos países, o ecoturismo transformou-se em um importante tema de debate, gerando um sem-número de conferências e novos cursos e estimulando políticas de desenvolvimento em todos os níveis de governo, na indústria do turismo e no movimento ambientalista.

O Brasil e o ecoturismo

O Brasil, segundo Mourão (2000), é um país de muitos recursos naturais e com enorme potencial para todas as modalidades de turismo, porém, muitos de seus ecossistemas estão ameaçados e, em virtude da péssima fase que a nossa indústria do turismo sofre pela má imagem do Brasil no exterior, a prática de um ecoturismo irresponsável em nosso meio ambiente poderá vir a agravar esta situação.

De acordo com o SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL – SENAC (1995), as áreas naturais sua paisagem, fauna e flora juntamente com os elementos culturais existentes, constituem grandes atrações, tanto para os habitantes dos países aos quais as áreas pertencem como para turistas de outras nações. Por esse motivo, as organizações para conservação reconhecem a enorme relevância do turismo e estão cientes dos inúmeros danos que um turista mal – administrado ou sem controle pode provocar no patrimônio natural e cultural.

No Brasil, muitos operadores de turismo, ambientalistas e comunidades tradicionais estão começando a descobrir o potencial do ecoturismo como alternativa de conservação e como fonte de renda e foi pensando nisto que um grupo de profissionais ligado ao ecoturismo fundaram em 93 a EcoBrasil, com a proposta de canalizar esforços fragmentados para promover o ecoturismo sustentável no Brasil, de maneira que a conservação de comunidades locais e turismo possam se beneficiar agora e no futuro.

O ecoturismo é um seguimento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem – estar das populações envolvidas (MOURÃO, 2000).

Nesse sentido, a região diamantífera na Serra do Tepequém é enquadrada nessa concepção, apesar de toda a agressão sofrida durante o auge da garimpagem até os dias atuais na região do Tepequém, ainda se encontra ali relevantes belezas naturais que se bem conservadas podem levar para a região um desenvolvimento baseado na exploração do turismo ecológico (REIS NETO 2000).

O potencial do ecoturismo na serra do tepequém

LOCALIZAÇÃO E ACESSO

A Serra do Tepequém está localizada na porção centro-norte do Estado de Roraima e desempenha uma função geomorfológica de divisor de águas do rio Uraricoera e Amajari, tendo as coordenadas 3°45' e 3°49'N; 61°41' e 61°46'W, (figura 01).

O acesso se dá por vias rodoviárias e aéreas. A Vila Tepequém oferece uma pista de pouso para aviões monomotores, levando em torno de 50 minutos o tempo de voo saindo de Boa Vista capital do estado de Roraima.

Utilizando a BR-174, faz-se um percurso de 102 Km, à confluência com a RR- 203, a partir daí percorre – se 54 quilômetros de estrada asfaltada pela RR-203 até a Vila Brasil (sede do município do Amajari). A partir da vila percorre-se ainda 45 km até onde começa a subida da serra, que deve ser feito em geral por veículo com tração 4x4. O total do percurso atinge 213 km.

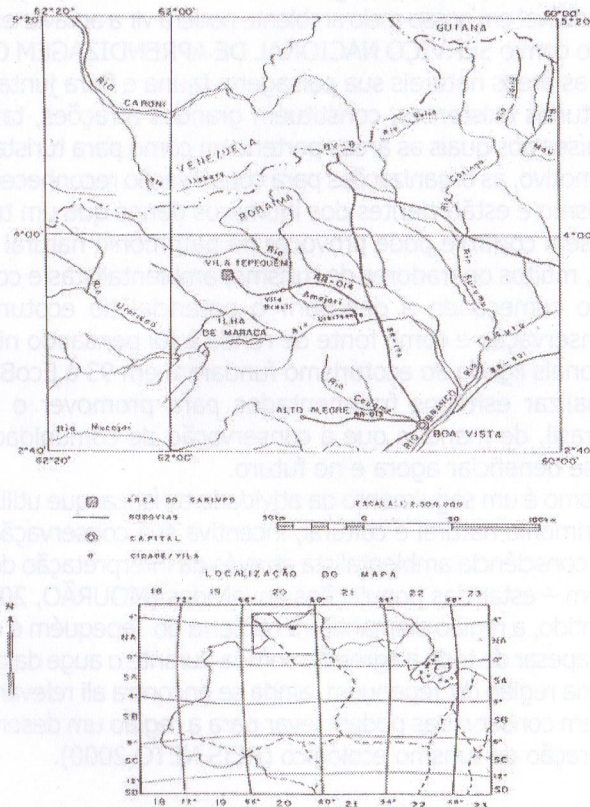


FIGURA 01: Localização da Serra do Tepequém
Fonte: BRASIL (1983).

Figura 01. Mapa de localização da serra Tepequém. Fonte: Brasil (1983).

Serra do Tepequém - Histórico

A Serra do Tepequém constitui um testemunho isolado de sedimentos do Supergrupo Roraima e apresenta 70Km² de superfície e altitude máximas em torno de 1.100m. Essa região foi mapeada pela Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais (CPRM), através do PGLB – Programa de Levantamento Geológico Básico do Brasil, em 1988.

Com os primeiros sinais de garimpagem de ouro e diamante no Estado de Roraima, em 1937, a Serra do Tepequém se tornou o maior garimpo da região, o que atraiu garimpeiros de vários estados do Brasil (BARROS, 1995)

Atualmente ainda existem alguns núcleos criados em torno dos garimpos em 1930-1950, um dos exemplos é a vila, e outro que está preste a desaparecer, que é o caso de Cabo Sobral.

Segundo Reis Neto (2000) por se tratar de exploração a céu aberto, a garimpagem de diamantes no Tepequém arrasou paisagens, retirou a cobertura vegetal e destruiu relevos.

De acordo com informações do DNPM/RR, o Tepequém já foi considerado reserva garimpeira, área reservada para a garimpagem onde não se podem implantar outras atividades que não seja a prática do garimpo.

O termo reserva garimpeira não existe mais, hoje é conhecido como área de garimpagem. A Lei 7.805 de 18 de julho de 1989 alterou o Decreto Lei nº 227, criando o regime de permissão de lavra garimpeira e extinguindo o regime de matrícula (garimpo).

Portanto, atualmente a Serra Tepequém não é reserva garimpeira, o que não impede que seja explorado por garimpeiros organizados na forma de cooperativas ou empresa de mineração.

Aspectos gerais da área de estudo

Aspectos Geológicos

A Serra do Tepequém forma uma sinclinal assimétrica sustentada por sedimentos do Supergrupo Roraima, (MONTALVÃO et al., 1975), tendo por base arenitos de coloração avermelhada, silicificados, granulação média, gradando para grossa até se tornar conglomerática.

De acordo com Brasil (1983), a origem do diamante no Tepequém está ligada às instruções Kimberlíticas de provável idade pós-Uatumã, possivelmente associados a magnetismo básico.

Aspectos Geomorfológicos

Montalvão et al. (1975), afirma que geomorfologicamente a Serra do Tepequém

tem uma estrutura em forma de mesa, que de acordo com estudos geológicos, foi constituída por um testemunho sedimentar. Numa escala de detalhes, esse pacote sedimentar encontra-se estruturalmente inclinado. Na parte interna a estrutura exhibe um relevo colinoso, escarpa de falha e também conta com um pequeno pedimento intermontano (COSTA E REIS NETO, 2000).

Aspectos da Vegetação

A Serra do Tepequém é caracterizada na região de entorno por floresta do tipo tropical aberta, e na borda das elevações a vegetação é caracterizada pelo contato floresta e domínio graminoso, e no centro da estrutura o pedimento intermontano é caracterizado por vegetação de gramíneas.

Com relação à prática do ecoturismo, nesse ambiente são encontradas orquídeas e vegetação endêmica. No que diz respeito à classificação fitoecológica a Serra do Tepequém é considerada um refúgio ecológico, caracterizado por plantas arbustivas e herbáceas em meio à floresta ombrófila densa.

Aspectos Climáticos

O município de Amajari possui dois tipos de clima: Awi (tropical chuvoso de savana com período seco) e o Ami (tropical chuvoso de monção no extremo leste, quente com estação seca). (SEPLAN, 1997).

A média da temperatura é de 26°C e a precipitação pluviométrica de 2.000mm. A caracterização das zonas agroclimáticas (zona serrana nordeste ou Pacaraima – Alto Cotingo), a precipitação média anual varia de 1.600mm a 1.900mm, na região do Tepequém, com temperatura média anual de 22°C a 24°C e umidade relativa ao redor de 80%. A estação chuvosa compreende os meses de maio a agosto, época de plantio no mês de maio. Sua altitude varia entre 800 a 1.200m, evapotranspiração anual de 1.200mm.

A Serra do Tepequém se caracteriza por apresentar um microclima com temperaturas amenas durante todo o ano e índice pluviométrico um pouco mais elevado que a média da região rebaixada – “lavrado”.

Aspectos Hidrográficos

A hidrografia da região é formada principalmente pelo rio Uraricoera, um dos principais formadores do rio Branco. Medindo 70Km de extensão, nasce na Serra Pacaraima. Seus principais afluentes compreendem os rios Amajari e Parimé, ambos à margem esquerda de seu baixo curso.

Roteiro de acesso a Serra do Tepequem

Saindo de Boa Vista, no sentido norte, logo no quilômetro 6 na BR 174 localiza-se o posto de fiscalização da Polícia Federal; a 14 Km à esquerda podemos ver A Serra Nova Olinda que corresponde derrames basálticos do Mesozóico, como parte da terminação do Gráben do Tacutu, a qual é uma possível província petrolífera do Estado de Roraima; à direita o linhão da energia de Guri – Convênio Brasil/Venezuela para fornecimento de energia elétrica; no Km 34 à direita localiza-se um plantio de Acácia Mangium (Projeto Ouro Verde), cujos proprietários são empreendedores suíços que devem explorar esse recurso na forma de celulose; no Km 68 localiza-se a ponte de concreto sobre o rio Uraricoera, um dos formadores do rio Branco, como também no Km 127 o rio Amajari. O percurso entre Boa Vista e a sede do município de Amajari é de 134 Km chegando em Vila Brasil, a qual também é conhecida como a capital do forró. No mês de dezembro realizam-se os festejos da padroeira Santa Luzia com torneios de vaquejada, forró, etc. Todo esse trecho é percorrido em estrada asfaltada. Depois da Vila Brasil, a estrada é de piçarra; no Km 163 chega-se ao assentamento Bom Jesus; com 172 Km chega-se à bifurcação que dá acesso ao Rio Trairão na base da Serra do Tepequém.

Plano de prática ecoturística na Serra do Tepequém

Na região diamantífera da Serra do Tepequém, podem ser utilizadas as diretrizes para a prática do ecoturismo que de acordo com WEARING & NEIL (2001) instruem em:

- Estimular os elementos comunitários, ambientais e turísticos a trabalhar em conjunto no sentido de um objetivo comum.
- O sucesso do ecoturismo depende da conservação da natureza. Diversos parques estão ameaçados, e é fundamental que todos os envolvidos com o ecoturismo tenham consciência de que recursos naturais intactos são os alicerces de sua atividade.
- Os locais de ecoturismo precisam de verba para proteção e manutenção, e a maior parte dela pode ser gerada diretamente a partir da venda de ingressos e produtos. Em diversas áreas de proteção, a entrada é gratuita e de valor simbólico, e se oferece pouco ou nenhum serviço auxiliar. Os ecoturistas também esperam encontrar lojas de presente, serviços de alimentação e alojamento e esperam pagar por isso.
- Os ecoturistas são um público valioso para a educação ambiental. Tanto os turistas naturais "tarimbados" quanto os "novatos", com pouco conhecimento de história natural, são capazes de aumentar seu grau de apreciação da área por meio de folhetos, exposições e guias.
- O ecoturismo contribuirá para o desenvolvimento rural quando os residentes locais forem incluídos no processo de planejamento. Em alguns casos, o turismo em áreas de proteção não beneficia a população próxima, porque ela não é envolvida no processo.

Estratégias de prática ecoturística na Serra do Tepequém

Considerando as belezas cênicas da região da Serra do Tepequém em que a feição que mais chama atenção é uma morfoestrutura vista a longa distância, representando uma mesa testemunho de uma sedimentação pré-cambriana na qual os estratos sedimentares estão dobrados, configurando inteiramente no centro da estrutura um pedimento intermontano com 570m (figura 02) e nas bordas da estrutura, comparece um relevo escarpado que eleva-se até a cota de 1.110 metros, propiciando o desenvolvimento de cachoeiras como as do Paiva e Cabo Sobral (figuras 03, 04, 05, 06, 07 08 e 09). As figuras correspondem a fotos, as quais, foram tomadas pelos autores no local de estudo.

Entre outras características relevantes da estrutura destacam-se a prática secular da garimpagem de diamante, a vegetação endêmica (incluindo orquídeas), a tipologia do solo e o artesanato através da utilização de "pedra-sabão".

Conforme SILVA (1998), o Tepequém é um lugar ideal para lazer, área de camping, alpinismo, trilhas com vários córregos de águas cristalinas".

Nesse sentido a Serra do Tepequém destaca-se como uma estrutura potencial para a prática ecoturística, em que uma estratégia para o bom desempenho dessa prática no sentido da conservação e consciência ambiental da região, requer que profissionais sejam habilitados e que quando da visitação dos grupos turísticos, os mesmos deveriam ser acompanhados por profissionais qualificados que descreveriam aspectos científicos nas diferentes áreas do conhecimento, em uma linguagem popular, inerente as feições mais notáveis da estrutura. Nesse contexto, profissional como geólogos, biólogos e agrônomos teriam uma participação efetiva na orientação e esclarecimentos dos grupos turísticos.



Fig. 02: Serra do Tepequém – morfoestrutura vista a longa distância representando uma mesa testemunho.¹

¹ Fotos dos autores.



Figura 03: Cachoeira do Paiva. (2001)



Figura 04: Vista panorâmica da borda leste da Serra do Tepequém



Figura 05: Borda oeste da Serra, com trecho de corredeira em primeiro plano; ao fundo relevo escarpado indicado para a prática de alpinismo (2001)

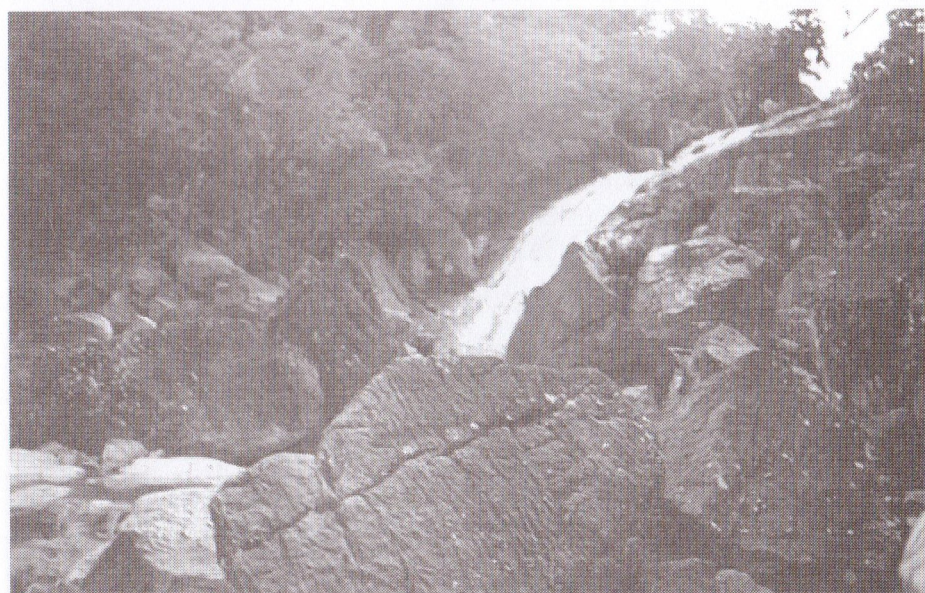


Figura 06: Primeiro degrau da Cachoeira do Paiva. (2001)



Figura 07: Segundo degrau da Cachoeira do Paiva (2001)



Figura 08: Corredeira às proximidades da Cachoeira do Paiva (2001)



Figura 09: Cachoeira do Paiva, borda oeste da Serra do Tepequém

Ecoturismo no Tepequem e a comunidade local

Benefícios

O ecoturismo no Tepequém pode trazer grandes benefícios à comunidade local. Com relação a esse assunto Wearing e Neil (2001) falaram das diversas razões pelas quais as comunidades locais devem considerar o ecoturismo:

- O desejo de se integrar ao grande crescimento do turismo, de modo geral;
- A consciência do alto valor das atrações naturais da localidade;
- A empatia com as idéias de conservação e com a necessidade do turismo sustentável;
- O desejo de revitalizar responsavelmente o turismo local.

O ecoturismo tem entre seus principais elementos a capacidade de aumentar os benefícios do turismo, não só com relação ao fator econômico (receita gerada pela região), mas também quanto à preservação da infraestrutura social e à conservação da biosfera. A comunidade da região do Amajari deverá se beneficiar com a implantação do ecoturismo de acordo com a demanda crescente por acomodações, restaurantes e bares e, portanto, maior viabilidade para hotéis, e pousadas; receita adicional para

comércio varejista local e outros serviços; mercado maior para produtos locais (agrícolas, manufaturados, etc) o que sustentaria usos e costumes tradicionais; emprego de mão-de-obra local qualificada ou não (por exemplo, guias de ecoturismo, ajudantes de venda, garçons, etc); fonte de financiamento para proteção e melhoria / manutenção das atrações naturais e dos símbolos de patrimônio cultural; financiamento e voluntários para trabalho de campo.

Problemas

As questões conflitantes expressas por representantes das comunidades hospedeiras em relação ao desenvolvimento turístico recaem em categorias inter-relacionadas (WEARING; NEIL 2001):

- A falta de oportunidade de se envolver no processo de tomada de decisões quanto ao ecoturismo;
- As reações governamentais inadequadas quando mecanismos administrativos ou legislativos foram estabelecidos para envolvê-los em tais tomadas de decisão;
- A falta de benefícios financeiros, sociais e vocacionais que fluem para essas comunidades, a partir dos projetos que exploram comercialmente aquilo que eles consideram seus recursos;
- A necessidade de estabelecer melhores ferramentas para avaliar os efeitos socioculturais, assegurando que isso seja adotado nas medidas contra os impactos mais sérios sobre o ambiente natural, que são geralmente de maior interesse dos investidores externos e dos grupos de conservação;
- Os impactos sobre a coesão e a estrutura da comunidade;
- A rapidez do progresso turístico, que, em diversos casos, acelera significativamente a mudança social.

Se forem levados em consideração não só o interesse da indústria do turismo, mas principalmente os da comunidade, o ecoturismo tem tudo para promover e fomentar na região a elevação da consciência e do respeito em relação a outras culturas, estimulando os relacionamentos mutuamente benéficos entre hóspedes e turistas.

Considerações finais

Não restam dúvidas de que o mercado do turismo está se tornando cada vez "mais verde". O ecoturismo encontra-se no estágio de crescimento do seu ciclo de negócios, e sua popularidade permanecerá em expansão enquanto continuarem prosperando questões que dizem respeito ao meio ambiente.

As pessoas estão recebendo cada vez mais mensagens relacionadas não só com a fragilidade do meio ambiente como também de sua beleza e singularidade e da importância de manter as áreas em bom estado de conservação para as atuais e futuras gerações.

Esta pesquisa centrou-se principalmente nas potencialidades e nas possibilidades do desenvolvimento do ecoturismo na região diamantífera da Serra do Tepequém, viabilizando mecanismos que permitem planejar e desenvolver o ecoturismo na área estudada, procurando alcançar assim a sustentabilidade ambiental e os objetivos sociais afins, que incluem, por exemplo, a redução ao mínimo dos danos aos recursos naturais, a educação dos ecoturistas sobre os valores da conservação e a participação efetiva da comunidade local.

Referências bibliográficas

- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. *Roraima paisagens e tempo, da Amazônia Setentrional*. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1995.
- BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. *Principais Depósitos Minerais: Conceito, Metodologia e Listagem*. Brasília, 1983.
- COSTA, J.A.V; REIS NETO, R. A. DOS. *A Mineração de Diamantes na Serra do Tepequém – Roraima como Agente Gerador de Impactos Ambientais e Modificador da Paisagem*. Revista Espaço e Geografia/UnB. Vol. 4 (1): 97-106.
- DNPM . Projeto RADAM BRASIL . *Levantamento de Recursos Naturais*. Vol. 8. Rio de Janeiro, 1975. 426p.
- MONTALVÃO, R.M.G., et al. *Geologia da Folha NA.20 Boa Vista e partes das folhas Na.21 – Tucumaque, NB.20 – Roraima e NB, In Brasil*. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Rio de Janeiro, 1975.
- MOURÃO, Roberto M. F. In: *Ecoturismo e Turismo Participativo*. EcoBrasil, 2000 Disponível em: <http://www.ecobrasil.org.br/hpnew/apostila.htm>. Acesso em 25/12/2000.
- REIS NETO, Raimundo Alves. *Mineração como agente modificador da paisagens, o exemplo do Tepequém – Roraima*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2000. 36 p. (Monografia, Licenciatura Plena em Geografia – UFRR).
- SEPLAN. *Perfil do Estado de Roraima*. Disponível em: <http://www.seplan.rr.gov.br>. Acesso em 20/01/2001.
- SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL – SENAC. *Ecoturismo, um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: Ed. Senac.1995.
- SILVA, Eloan Alves da. *Potencial turístico do Estado de Roraima*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 1998 . 54p. (Monografia, Licenciatura Plena em Geografia).
- VELOSO, H. P. et al. *Geologia da Folha NA.20 Boa Vista e partes das folhas Na.21 – Tucumaque, NB.20 – Roraima e NB, In Brasil*. Departamento Nacional de

Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Rio de Janeiro, 1975.

WEARING, Stephen; NEIL, John. *Ecoturismo – Impactos, potencialidades e possibilidades*. Trad. Carlos David Szlak. Barueri – SP: Ed. Manole, 2001. 256p.

Raimunda Gomes da Silva –
Mestranda em História Social (UERJ);
professora do Instituto Superior
de Educação de Roma – ISE/RS.

Resumo: Este artigo analisa a relação entre os perfis de mulheres vividos no cotidiano e os construídos nas mídias durante as décadas de 1970 e 1980, bem como compreender como se articulam os símbolos e representações femininas entre o sagrado, o tradicional e o feminista.

Resumo

O artigo analisa a relação entre os perfis de mulheres vividos no cotidiano e os construídos nas mídias durante as décadas de 1970 e 1980, bem como compreender como se articulam os símbolos e representações femininas entre o sagrado, o tradicional e o feminista.

Abstract

This article analyzes the relation among the daily women's profile and the others built by the printng-press during the 70 th and 80 th-decades. It also tries to demonstrate how the symbols and women's representations among the sacred, traditional and the feminist articulate themselves.

Palavras-chaves: Ros Vilar; gênero; imprensa.

A presente artigo analisa a relação entre os perfis de mulheres vividos no cotidiano e os construídos nas mídias durante as décadas de 1970 e 1980, bem como compreender como se articulam os símbolos e representações femininas entre o sagrado, o tradicional e o feminista.

Este artigo analisa a relação entre os perfis de mulheres vividos no cotidiano e os construídos nas mídias durante as décadas de 1970 e 1980, bem como compreender como se articulam os símbolos e representações femininas entre o sagrado, o tradicional e o feminista.